

# PESQUISAR PARA ASSISTIR

*Creso Machado Lopes \**

## 1. Introdução

Primeiramente gostaríamos de parabenizar esta conceituada Escola de Enfermagem pelo seu "Jubileu de Ouro", como também pela realização do "Encontro Internacional de Pesquisa em enfermagem: uma questão de saúde.", como parte de sua programação.

Aproveito a oportunidade para agradecer o convite para participar desta Mesa Redonda "Pesquisar para Assistir", à qual como Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Acre e Enfermeiro do Controle e Avaliação do INAMPS, Acre, esperamos dar nossa parcela de contribuição, neste encontro de tão alta relevância para a enfermagem nacional.

Em consonância ao tema proposto, caminharemos mais no sentido de "PESQUISAR", navegando assim em direção à produção, comunicação e utilização do conhecimento na prática da enfermagem.

Diante disto, esperamos proporcionar uma visão abrangente de quem, quanto, como, onde, quando e em que condições se produziu de conhecimento na enfermagem brasileira.

Neste contexto, as colocações aqui emitidas são oriundas de nossa tese de doutoramento em Enfermagem, intitulada: "Produção de Conhecimento Por Enfermeiros Assistenciais – Sua Utilização na Prática" defendida em dezembro de 1990, na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Portanto, é desta forma que procuraremos direcionar nosso conteúdo, pois acreditamos ser isso o que temos de melhor para oferecer no momento, dentro do tema em apreço. Com relação ao "ASSISTIR", de posse destas informações, deixamos o leitor extrapolar os dados nesse enfoque.

## 2. Desenvolvimento

Ao entrarmos propriamente no assunto, primeiramente gostaríamos de apresentar a TABELA I, na qual evidenciamos quem publica e o quanto foi publicado de artigos em enfermagem no Brasil, em 10 periódicos nacionais, no período de 1960 a 1985.

---

\* Enfermeiro. Professor Doutor do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Acre.

TABELA I. Distribuição da frequência e percentual de artigos publicados, em 10 periódicos nacionais, segundo categorias de autores, no período de 1960 a 1985.

PERIÓDICOS CATEGORIAS	REBEN	RPH	ENFQ	EAT	RPEN	ENODI	RGEN	REEUSP	EMO	RBAEN	TOTAL
	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)
ENFERMEIRO DOCENTE	435 51	74 5	29 31	60 44	77 58	162 70	77 65	258 81	19 59	19 83	1210 35,18
ENFERMEIRO ASSISTENCIAL	234 28	157 10	50 53	37 27	28 21	31 14	15 12	11 3	7 22	1 4	571 16,60
ENFERMEIRO DOCENTE ASSISTENCIAL	46 5	8 1	8 8	15 11	12 9	3 1	8 7	2 1	1 3	1 4	104 3,02
OUTRAS CATEGORIAS DE AUTORES	133 16	1266 84	7 8	24 18	16 12	35 15	19 16	47 15	5 16	2 9	1554 45,20
TOTAL	848 100	1505 100	94 100	136 100	133 100	231 100	119 100	318 100	32 100	23 100	3439 100,00

REBEN: — Revista Brasileira de Enfermagem  
RPH — Revista Paulista de Hospitais  
ENFQ — Enfoque  
EAT — Enfermagem Atual  
RPEN — Revista Paulista de Enfermagem  
ENODI — Revista Enfermagem em Novas Dimensões  
RGEN — Revista Gaúcha de Enfermagem  
REEUSP — Revista da Escola de Enfermagem da USP  
EMO — Enfermagem Moderna  
RBAEN — Revista Baiana de Enfermagem

Nesta tabela, fica bem claro que, dos 3439 artigos publicados, 1210 (35,18%) foram escritos por enfermeiros docentes; 571 (16,10%) por enfermeiros assistenciais; 104 (3,02%) por enfermeiros docentes assistenciais e 1554 (45,20%) por outras categorias de autores, considerados não enfermeiros.

Ao compararmos o percentual de publicação dos enfermeiros docentes com o dos enfermeiros assistenciais, verificamos que estes publicaram 47,29% do total de publicação dos enfermeiros docentes, o que representa um percentual significativo, conforme pode ser observado no (GRÁFICO 1).

### GRÁFICO 1

Número de artigos publicados e categoria profissional dos alunos

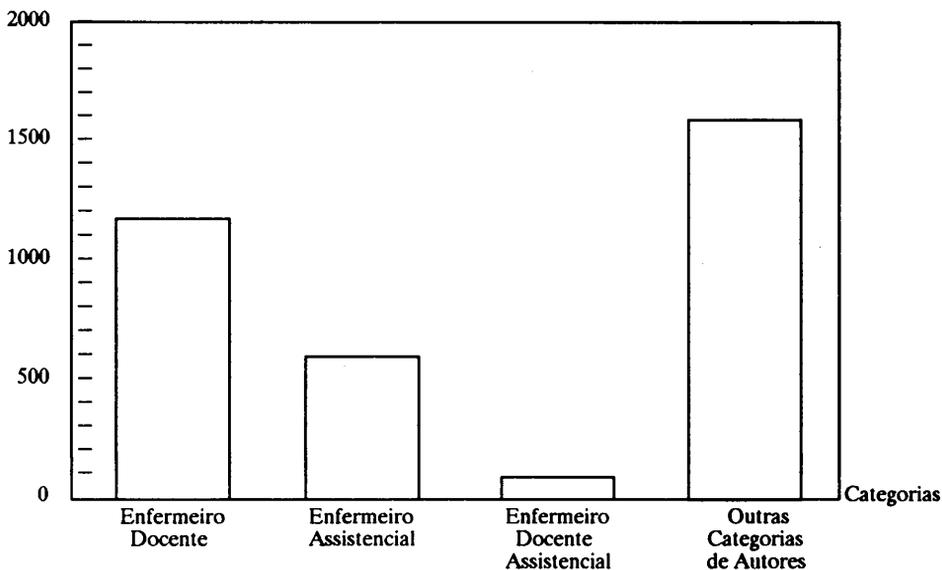


GRÁFICO 1 – Representação gráfica da produção de artigos, segundo categorias, publicados em 10 periódicos nacionais, no período de 1960 a 1985.

Diante disto, poderíamos pensar que embora o número de enfermeiros assistenciais seja muito superior aos dos enfermeiros docentes, a estes são oferecidos maiores oportunidades e facilidades para produção e publicação de artigos e maior participação em cursos, eventos e outros mais.

Desta forma, podemos questionar colocações de autores e documentos, quando mencionam o pequeno volume de produção de literatura profissional por parte dos enfermeiros assistenciais, recomendando, inclusive, maior contribuição destes. Entre eles, podemos citar o Documento Avaliação & Perspectivas, (BRASIL, 1982) e VIEIRA, (1982), quando dizem que "existe uma necessidade dos enfermeiros assistenciais darem uma maior contribuição para o acervo de conhe-

Ao observarmos a publicação de artigos elaborados na enfermagem brasileira durante o período estudado, identificamos a existência de dois pólos distintos entre os enfermeiros docentes e os assistenciais. No ano de 1985, os assistenciais publicaram apenas 24% em relação à da publicação dos docentes.

Neste contexto, estamos de acordo com o que diz MENDES (1989) ao afirmar que a pesquisa está sedimentada no meio universitário da enfermagem brasileira, em virtude do surgimento de cursos de pós-graduação em vários níveis: da criação de Centros de Estudos e Pesquisas em Enfermagem e do desenvolvimento de núcleos de pesquisas e com a promoção e intercâmbio técnico-científico a nível nacional e internacional. Mas que por outro lado, a falta de prioridade em curso de pós-graduação para o enfermeiro assistencial pode estar redundando em profundo prejuízo, com conseqüências para a profissão, ensino, paciente, administração, pesquisa e a própria comunidade em geral.

Acreditamos que a contribuição do docente, com vistas ao corpo de conhecimento e desenvolvimento da enfermagem seria enriquecida se a ela fosse somada a colaboração mais acentuada dos assistenciais; no entanto, para isto, oportunidades semelhantes deveriam ser-lhes oferecidas.

Considerações a esse respeito constam do documento Avaliação & Perspectivas (BRASIL, 1982) no qual é afirmado que hoje, na enfermagem, é necessário promover um sistema de pós-graduação que atinja também diretamente os profissionais não docentes, visto que esses enfermeiros de serviços são, necessariamente, envolvidos em atividades de ensino-aprendizagem nas instituições de saúde, chamados convencionalmente de campos de prática (...). Seria oportuna a criação do acesso à pós-graduação para enfermeiros de serviços, certamente com ênfase em especialização e aperfeiçoamento. Essa qualificação traria benefícios não só à melhoria da assistência ao paciente ou cliente, como também aumentaria a compreensão e receptividade dos enfermeiros de serviços para o ensino e a própria pesquisa.

A esse respeito, MENDES (1989) nos diz que, no cenário brasileiro, os enfermeiros estão demonstrando competência no desenvolvimento científico da enfermagem; mas não deixa de ressaltar que as dificuldades devem ser gradativamente sanadas ao proporcionar maior conscientização no sentido de esforços grupais e não individuais, cujos resultados poderão causar maior impacto à realidade da enfermagem brasileira.

Retomando considerações sobre dados por nós encontrados, a TABELA II revela o número de co-autores não enfermeiros assistenciais com quem os profissionais aqui analisados publicaram seus artigos, no Brasil e no Estado de São Paulo.

Ao analisarmos esses dados, verificamos que, tanto no Brasil em geral como no Estado de São Paulo, as maiores freqüências de co-autoria recaíram nos enfermeiros docentes, com 27 (49,09%) e 15 (46,88%) respectivamente, seguidos por médico docente, com 9 (16,36%) e 5 (15,62%). Quanto aos demais, a sua representatividade foi insignificante. Tal comportamento pode ser prejudicial, pois os enfermeiros assistenciais parecem estar somente presos a sua realidade prática, não tendo assim visão e experiência de trabalho em grupo, junto a pessoas de outras áreas do conhecimento.

Gostaríamos de ressaltar que, apesar de todas as divergências entre ensi-

**TABELA II – Distribuição da frequência e percentual dos artigos publicados por enfermeiros assistenciais do Brasil, com destaque ao Estado de São Paulo, em 10 periódicos nacionais, segundo co-autores não-enfermeiros assistenciais, no período de 1960 a 1985.**

Co-autores não enfermeiros assistenciais	Artigos		Estado de São Paulo	
	(f)	(%)	(f)	(%)
Assistente Social	2	3,64	1	3,12
Fisioterapeuta	1	1,82	1	3,12
Nutricionista	1	1,82	1	3,12
Pedagogo	1	1,82	1	3,12
Técnico em Laboratório	1	1,82	1	3,12
Técnico em Enfermagem	1	1,82	1	3,12
Médico Docente	9	16,36	5	15,62
Enfermeiro Docente	27	49,09	15	46,88
Aluno de Graduação	1	1,82	-	0,00
Mais de um co-autor não-enfermeiro assistencial	11	20,00	6	18,75
<b>TOTAL</b>	<b>55</b>	<b>100,00</b>	<b>32</b>	<b>100,00</b>

no, pesquisa e prática, os enfermeiros docentes e médicos docentes ainda são os mais procurados para produzirem artigos de pesquisas.

Na nossa opinião, outro fator agravante observado nessa tabela diz respeito ao pequeno número de artigos produzidos e publicados pelos enfermeiros assistenciais com outras categorias de autores, o que nos mostra que estes enfermeiros não vêm desenvolvendo um trabalho em equipe. Tal atitude não está de acordo com o que é ministrado no curso de enfermagem, principalmente no que se refere aos instrumentos Básicos de Enfermagem, onde é preconizada a elaboração de trabalhos desta natureza, aliados a uma visão holística do homem.

Outro item por nós abordado diz respeito à distribuição da publicação de artigos dos enfermeiros assistenciais no Brasil, segundo os Estados da Federação, o que pode ser observado na TABELA III. Do seu total, observamos que os enfermeiros assistenciais do Estado de São Paulo publicaram 270 artigos, representando (47,29%) da produção nacional, seguidos pelo Rio de Janeiro com 78 (13,66%); o Rio grande do Sul vem a seguir com 26 (4,55%), sendo considerados por nós os mais significativos, enquanto que os demais podem ser visualizados na própria tabela.

Com o objetivo de termos uma nova visão desta publicação, agrupamos os artigos de acordo com as Regiões Geo-Políticas do Brasil, como forma de caracterizar sua abrangência e representatividade; os achados estão contidos na TABELA IV. Para melhor visualização, o GRÁFICO 3 mostra a expressividade da Região Sudeste, com 359 (62,87%). A predominância desta região também é acompanhada pela produção dos enfermeiros docentes, conforme descrito no documento Avaliação & Perspectivas (BRASIL, 1982).

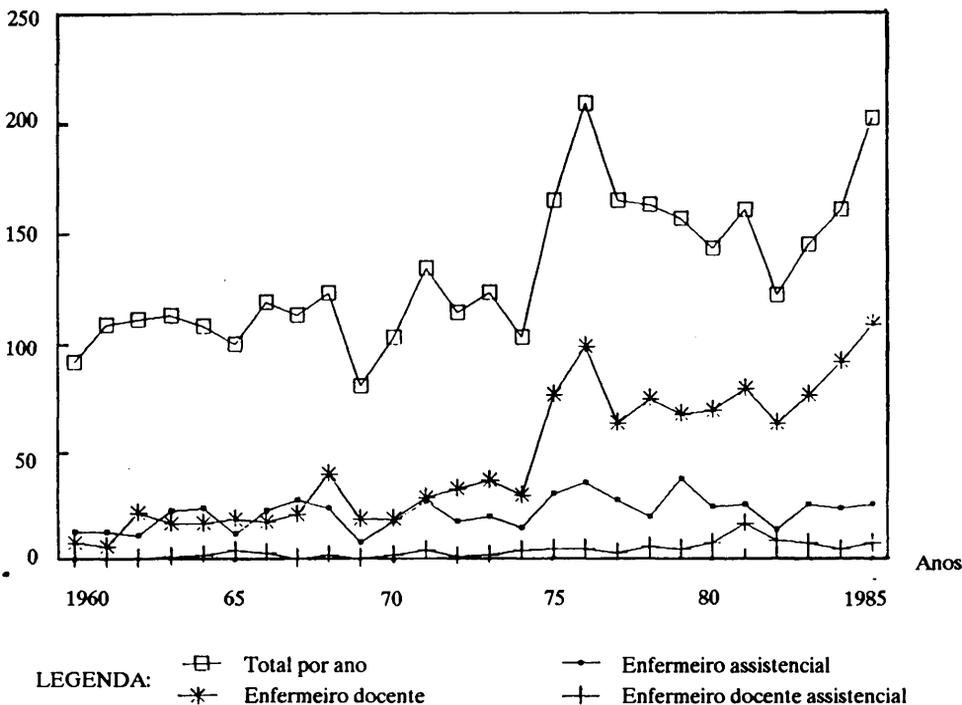
cimento próprio da profissão, visto que eles vivenciam de perto os limites e as amplitudes da aplicabilidade dos conhecimentos já existentes."

Do mesmo modo, ALMEIDA (1985) argumenta que as pesquisas não têm sido uma atividade sistemática dos enfermeiros, salientando que os serviços não têm assumido, como suas, as responsabilidades de desenvolvê-las.

A seguir apresentamos o GRÁFICO 2), bastante elucidativo para que possamos observar a evolução cronológica da publicação de artigos pelos enfermeiros docentes, assistenciais e docentes assistenciais, no período por nós estudado.

### GRÁFICO 2

Número de artigos publicados de 1960 a 1985 por categoria profissional dos autores



FERNANDES (1978) menciona que, antes da década de 60, as escolas de enfermagem criaram cursos visando qualificar, a nível de pós-graduação, profissionais de enfermagem que exerciam atividades docentes, assistenciais e administrativas, tanto em escolas como no serviço. Entretanto, o aprimoramento do docente ocorreu de modo mais acelerado, pela função do magistério e pelas leis vigentes do ensino superior.

O mesmo autor, bem como VIEIRA (1990), e KAMIYAMA (1990), ao discorrerem sobre a criação de Cursos de Pós-Graduação, afirmaram que de início, em 1959, estes se concentravam nas áreas de Pedagogia e Didática Aplicada à Enfermagem, Administração de Serviços de Enfermagem e Administração de Unidade de Enfermagem, o que levou, posteriormente, aos chamados cursos de especialização nas Áreas de Enfermagem Médica, Cirúrgica, Pediátrica, Psiquiátrica e Obstétrica, os quais foram liderados pela Região Sudeste. Estes cursos serviram de referência de Pós-Graduação em Enfermagem, tanto no país, como no exterior, tendo em vista sua significância. Particularmente, segundo KAMIYAMA (1990) somente a Escola de Enfermagem de São Paulo da Universidade de São Paulo diplomou 491 profissionais, tendo a última turma ingressado em 1969; dos quais 60 eram procedentes de vários países de língua espanhola e portuguesa. Com a reforma universitária – Lei nº 5.540/68, estes cursos foram extintos para darem lugar aos Cursos de Pós-Graduação *Strictu Sensu*

O GRÁFICO 2 evidencia a relevância desses cursos na época, cuja interrupção representou um ponto de estrangulamento na qualificação do pessoal assistencial, como também na produção e publicação de artigos em enfermagem.

Outro ponto que poderemos observar neste gráfico é que a curva de publicações dos enfermeiros docentes teve sua primeira ascensão evidente em 1968, a qual nos parece fruto de um primeiro chamado, ocorrido em 1964, quando da realização do XVI Congresso Brasileiro de Enfermagem, cujo tema central foi "Enfermagem e Pesquisa." A queda ocorrida nos dois anos seguintes pode estar vinculada à interrupção dos antigos cursos de aperfeiçoamento e especialização que eram oferecidos anteriormente. No ano de 1976, ocorreu um aumento significativo de publicações por parte desses enfermeiros, como consequência da Reforma Universitária, a qual impôs mudanças no sistema educacional do país, culminado com a criação de cursos de mestrado e com titulação de alguns professores em grau de Doutor e/ou Livre-Docente.

Ainda sobre esse gráfico, notamos que, de 1977 a 1983, o volume de publicações de docentes manteve-se com pequenas variações, sendo que a primeira metade da década de 80 também foi extremamente significativa para a pós-graduação, pesquisa, produção e publicação de artigos em enfermagem. A nosso ver, outro marco relevante ocorreu em 1981, com a criação do primeiro Curso de Pós-Graduação em Enfermagem do Brasil, nível de Doutorado, sendo este um Programa Interunidades de Doutoramento, desenvolvido pelas Escola de Enfermagem de São Paulo e de Ribeirão Preto, ambas da Universidade de São Paulo. Após a criação deste curso, identificamos pequena queda, mas que, posteriormente, a produção docente continuou crescendo para, em 1985, atingir seu pico máximo.

As considerações que se seguem, referem-se às publicações de artigos dos enfermeiros assistenciais, as quais podemos deduzir que a Reforma Universitária representou fator desencadeante da limitação de oportunidades para os enfermeiros assistenciais, no que se refere ao seu aprimoramento profissional no nível de pós-graduação e, conseqüentemente, a nível de produção e publicação de artigos em enfermagem.

No que se refere à publicação de artigos dos enfermeiros docentes assistenciais, esta é bastante incipiente, com exceção de um ligeiro acréscimo no ano de 1981.

TABELA III. Distribuição da frequência de artigos publicados por enfermeiros assistenciais do Brasil, em 10 periódicos nacionais, segundo Estados da Federação, no período de 1960 a 1985.

PERIÓDICOS ESTADOS DA FEDERAÇÃO	REBEN (f)	RPH (f)	ENFQ (f)	EAT (f)	ENODI (f)	RPEN (f)	RGEN (f)	REEUSP (f)	EMO (f)	RBAEN (f)	TOTAL (f) (%)
São Paulo	104	79	23	2	21	25	1	11	4	-	270 47,29
Rio de Janeiro	26	8	12	26	4	1	1	-	-	-	78 13,66
Minas Gerais	8	1	1	1	-	-	-	-	-	-	11 1,93
Rio Grande do Sul	8	3	3	-	1	-	11	-	-	-	26 4,55
Paraná	1	4	1	-	-	-	1	-	1	-	8 1,40
Santa Catarina	3	4	-	-	-	-	-	-	-	-	7 1,23
Bahia	14	-	-	-	1	-	-	-	-	1	16 2,80
Ceará	7	6	-	-	-	-	-	-	-	-	13 2,28
Sergipe	3	-	-	1	-	-	-	-	-	-	4 0,70
Pernambuco	1	1	1	4	-	-	-	-	-	-	7 1,23
Paranába	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2 0,35
Rio Grande do Norte	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1 0,18
Maranhão	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2 0,35
Goiás	1	1	-	1	1	-	-	-	-	-	4 0,70
Distrito Federal	8	3	5	1	2	-	-	-	-	-	18 3,15
Amapá	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 0,18
Pará	2	-	-	-	-	1	-	-	1	-	4 0,70
Amazonas	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 0,18
Sem identificação de Estado	43	46	3	2	1	1	1	-	1	-	98 17,16
<b>TOTAL</b>	<b>234</b>	<b>157</b>	<b>50</b>	<b>37</b>	<b>31</b>	<b>28</b>	<b>15</b>	<b>11</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>571 100,00</b>

REBEN: — Revista Brasileira de Enfermagem  
RPH — Revista Paulista de Hospitais  
ENFQ — Enfoque  
EAT — Enfermagem Atual  
RPEN — Revista Paulista de Enfermagem  
ENODI — Revista Enfermagem em Novas Dimensões  
RGEN — Revista Gaúcha de Enfermagem  
REEUSP — Revista da Escola de Enfermagem da USP  
EMO — Enfermagem Moderna  
RBAEN — Revista Baiana de Enfermagem

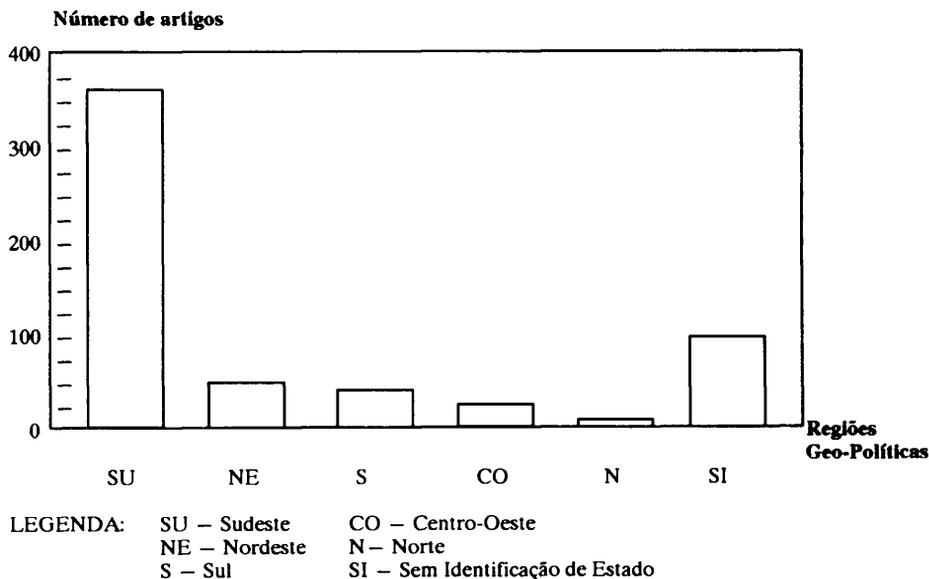
**TABELA IV.** Distribuição da freqüência e percentual dos artigos publicados por enfermeiros assistenciais do Brasil, em 10 periódicos nacionais, segundo Regiões geo-Políticas, no período de 1960 a 1985

Artigos	(n)	(%)
<b>Regiões Geo-Políticas</b>		
Sudeste	359	62,87
Nordeste	45	7,88
Sul	41	7,18
Centro-Oeste	22	3,85
Norte	6	1,05
Sem identificação de Estado	98	17,16
<b>TOTAL</b>	<b>571</b>	<b>100,00</b>

Ao dirigirmos nossa atenção, agora para o conteúdo extraído dos questionários aplicados nos 118 enfermeiros assistenciais do Estado de São Paulo, esperamos continuar trazendo contribuição dentro do Tema: "Pesquisar para Assis-tir". Assim, para estes enfermeiros, suas pesquisas são fruto da vivência diária do problema, por não estarem vinculados a obrigações acadêmicas para obtenção de título e cujos trabalhos chegam a conclusões mais próximas da realidade.

Dentro desta visão, o documento Avaliação & Perspectivas (BRASIL, 1982) indica que não só na enfermagem, como em todo o setor da saúde, aqueles profissionais que prestam serviços são os que estão mais bem preparados para

**GRÁFICO 3** – Representação da produção de artigos dos enfermeiros assistenciais, segundo regiões geo-políticas do Brasil, publicados em 10 periódicos nacionais, no período de 1960 a 1985.



discutir questões práticas. Assim, a articulação entre enfermeiros docentes, pesquisadores e enfermeiros de serviços de saúde pode representar fator de qualificação. Com isso, pode-se direcionar estudos e pesquisas em enfermagem centrados em problemas da prática da profissão, proporcionando aumento e valorização da pesquisa, junto aos serviços de saúde.

Nesta ótica, MENDES (1989), ao trabalhar o conceito da prática de enfermagem no contexto da utilização de conhecimentos, em sua reflexão expõe seu ponto de vista sobre as dimensões da utilização do conhecimento ou seja, entende o autor que tais dimensões abrangem a prática assistencial, a prática do ensino e a prática da própria pesquisa.

Retomando as respostas dos enfermeiros assistenciais, seus trabalhos são desenvolvidos no sentido de encontrar caminhos alternativos para a prática, com o intuito de atenderem às suas necessidades no campo profissional.

Neste contexto, estas opiniões vêm ao encontro das observações de GOODE; HATT (1975), ao assegurarem que, depois de um certo período de tempo, existem várias soluções para um tipo específico de problema, culminando com propostas principais e subsidiárias.

Outro enfoque que gostaríamos de apresentar é que um resultado de pesquisa deve extrapolar a sua fonte e atingir outros campos, como forma de progredirmos na descoberta de novos conhecimentos.

Segundo MENDES (1989) "o docente que pesquisa desempenha melhor a função de ensino do que o que não pesquisa." Assim, no nosso entender, podemos inferir que o enfermeiro assistencial que pesquisa exerce assistência de melhor qualidade do que o que não o faz.

Ao discorrerem sobre o acompanhamento dos resultados de pesquisas de seus colegas assistenciais, os docentes relataram que enquanto trabalham, sentem necessidade de se atualizar e acompanhar a evolução da qualidade da assistência de enfermagem. Identificaram a troca de idéias em grupo como necessária para o desenvolvimento do interesse profissional, a fim de acompanharem os trabalhos da literatura nacional e internacional. Com isto, o aproveitamento das experiências dos outros pode ajudá-los a desenvolver melhor o seu trabalho e avaliar a possibilidade da aplicação dos resultados das pesquisas.

As afirmações que seguem referem-se à organização da prática de enfermagem para a incorporação dos resultados, as quais registramos aquelas que foram de opinião contrária, onde apontaram, como insuficientes, a divulgação e o incentivo por parte dos serviços, aliado a problemas decorrentes da falta de infraestrutura em termos de recursos humanos e materiais. Para eles, a organização dos serviços de saúde depende muito da política de cada governo, e assim, a prática de enfermagem fica nesta dependência, muitas vezes dificultando a aplicação do conhecimento produzido pelos enfermeiros assistenciais. Mencionaram ainda que, em muitas situações, não existia consciência da chefia da enfermagem da necessidade desta aplicação, além de considerarem poucos e raros os serviços organizados com o objetivo de pesquisa, o que ocorria apenas em alguns hospitais privilegiados. Outros impedimentos também foram relacionados: baixa remuneração salarial nos hospitais em geral; trabalho tradicional e empírico; cumprimento mais de rotinas e encargos do que prestação de assistência individualizada de enfermagem, o que impede a implantação de mudanças.

A esse respeito, HUNT (1981, 1984a, b.) menciona que a enfermagem é

uma profissão conservadora, isolada, ritualista, tradicional e hierárquica. Na nossa opinião, se ela permanecer arraigada a estas tradições, prejudicará em muito o desenvolvimento da profissão.

Contrariando esta posição NOGUEIRA (1985) afirma que " a pesquisa em enfermagem tem contribuído muito para a prescrição do cuidado físico à clientela. Hoje, sabe-se, ainda que, a pesquisa em enfermagem, além de ajudar a resolução de problemas, aponta novos fatos acerca de um fenômeno e proporciona a construção de novos modelos assistenciais com base científica e com enfoque no ser humano integral, corpo, mente e espírito. "

Para os enfermeiros assistenciais, o próprio desconhecimento do que está sendo produzido na sua área de trabalho, o imobilismo das rotinas, a resistência a mudanças, as dificuldades no campo prático (excesso de número de leitos por enfermeiro, pessoal auxiliar insuficiente e não qualificado, serviços de apoio insatisfatório e sobrecarga ao desempenho do enfermeiro) agem como fatores de impedimento para que seja organizada a própria prática de enfermagem. Essas colocações reforçam os dados encontrados por LOPES, 1988. "

Além disso, foi-nos dito que há falta de um modelo de integração entre docência e assistência que atenda às necessidades de ambos, e que proporcione estímulo e orientação ao enfermeiro assistencial. Como consequência, o serviço de enfermagem tem dificuldade em mudar rotinas e procedimentos, em razão da resistência dos profissionais e da instituição às novas descobertas. Desta forma, alertaram que a enfermagem, hoje, está com seu tempo gasto com burocracia (administração de papéis) de tal forma que não mostra abertura, criatividade em pesquisa, nem aplicação de resultados. Além disso, foi exposto que, no serviço público, não há estímulo e nem pessoal suficiente para que este possa ser organizado para tal fim.

Ao discordar sobre este tema, RIBEIRO (1982) menciona que " pesquisas em serviços de enfermagem mal organizados e mal gerenciados, e que assim permanecem após a presença de pesquisadores, não têm condições de contribuir para o desenvolvimento da enfermagem. "

Um outro enfoque é dado por ANGERAMI (1985 ao assegurar que, " o pessoal de serviço desconhece o que vem sendo desenvolvido em termos de pesquisa, não participa, não utiliza e manifesta uma grande insatisfação especialmente em relação ao distanciamento ensino/prática. "

Com relação ao interesse do serviço de enfermagem na aplicação dos resultados das pesquisas do enfermeiro assistencial, WERLEY (1972) afirma que este assunto deve dizer respeito não somente ao enfermeiro pesquisador, mas também ao educador e ao administrador, que devem examinar se as práticas em suas instituições impedem ou facilitam o desenvolvimento da pesquisa.

BARNET (1981) não isenta de culpa os administradores que não proporcionam condições favoráveis para a utilização dos resultados das pesquisas.

Sob outro ponto de vista, ANGERAMI; ALMEIDA (1982), ao discorrerem sobre os meios de comunicação de massa, alertaram os enfermeiros docentes e de serviço para que conquistassem e mantivessem seu espaço. Na opinião destes autores, necessário se faz que a população conheça o fruto dos trabalhos dos enfermeiros, para, com isto, sentir sua utilidade e sua participação social. Lembram ainda que não se trata de vulgarizar a ciência, mas sim de divulgar o papel social destes profissionais. Ao verificar a compreensibilidade das pesquisas

para sua aplicação na prática, referiram que os artigos são escritos numa linguagem que desperta interesse, os trabalhos são dirigidos para problemas da prática e discutidos de forma simples e objetiva: os trabalhos nascem de experiência vivenciada no cotidiano e, por isto, são mais atrativos, atingindo diretamente o público a que se destinam.

Outro ponto que gostaríamos de acrescentar é que a constância do enfermeiro pesquisador numa temática de investigação tem sido recomendada e valorizada pela literatura, pelos órgãos que gerenciam a pesquisa e programas de pós-graduação. Vinculam-na a projetos integrados para expansão e aprofundamento de conhecimento e crescimento da equipe envolvida. Assim é, que os cursos de pós-graduação em nosso país, sob a orientação das agências financiadoras, devido às necessidades dos docentes neles engajados, estão envidando esforços para a concretização de núcleos específicos de pesquisa. A nível de corpo docente de enfermagem, este propósito começa a ser alcançado, pois, até há bem pouco tempo, o que ocorria e ainda ocorre pode ser configurado em duas situações distintas: de um lado, uma tendência à diversificação na temática desenvolvida pelo investigador e, do outro, o interesse do docente pesquisador por se manter individualmente em determinado assunto.

O baixo percentual de enfermeiros assistenciais que preferiram se dedicar sempre ao mesmo assunto reflete a tendência acima referida, pela falta de uma política que norteie a investigação em enfermagem. Também a sua desvinculação a grupos de pesquisas está retratada nas razões apontadas para a descontinuidade da investigação num mesmo assunto.

Por outro lado, se para os enfermeiros docentes existem dificuldades quanto ao desenvolvimento de pesquisas grupais e formação de núcleos, para os enfermeiros assistenciais estas dificuldades são muito mais acentuadas devido às peculiaridades do próprio trabalho e das instituições em que estão inseridos.

A resistência encontrada para fazer uso da pesquisa está relacionada a algo novo e que significa mudança no esquema vigente; implicação em mais estudo, trabalho, dedicação, podendo inclusive provocar ansiedades. Além disso, somam-se as dificuldades como quadro de pessoal, falta de trabalho multiprofissional e a estrutura e o funcionamento das instituições que não favorecem mudanças e melhoria da prática assistencial.

Para HUNT (1981) uma das razões que vêm ao encontro das afirmações acima é que não é permitido ao enfermeiro fazer uso dos resultados, quando isto implica em mudanças no estabelecimento e nos procedimentos práticos. Enfatiza, ainda, o autor, que aquele que dispõe de autoridade para empreender mudanças não quer fazê-la e que, por outro lado, o que deseja efetuar não possui tal requisito. Prossegue argumentando que, de forma geral, tal situação está relacionada com o fato de a enfermagem ser muito tradicionalista, ritualista e hierárquica.

Concluindo o exposto, gostaríamos de destacar as facilidades e dificuldades encontradas pelos sujeitos de nosso estudo para aplicarem os resultados de suas pesquisas. Como facilidades destacamos: a colaboração da equipe de enfermagem, da administração, da instituição, das chefias, dos supervisores e da diretoria do serviço de enfermagem, decorrentes da sua filosofia de valorizar a pesquisa não só visando mudanças e incentivando ações próprias da enfermagem, como também a aceitação dos seus resultados pelos elementos jovens da profis-

são, que manifestam interesse pela implementação dos achados.

Por sua vez, as dificuldades estavam relacionadas a problemas administrativos, tais como: estrutura dos serviços; escassez de pessoal, material e recursos financeiros; constantes rodízios a que os enfermeiros assistenciais eram submetidos nas suas unidades de serviço causando com isto, dificuldades no uso do conhecimento produzido; a característica do trabalho de campo hospitalar, com grande número de pacientes por enfermeiros e longas jornadas de trabalho.

Outras dificuldades apontadas vinculam-se ao desinteresse por parte dos colegas, à competição, ao baixo salário, à falta de uma política que direcionasse todo o processo de pesquisa no serviço de enfermagem, à formação profissional incipiente para a pesquisa, ao descompromisso com a enfermagem, à resistência à mudança, ao comodismo e muitas outras.

Enfim, a falta de tradição em pesquisa e o conseqüente despreparo do enfermeiro como consumidor de seus resultados, decorrentes de falhas curriculares, principalmente aliada à falta de apoio de outros profissionais, constituem em sérias barreiras para a incorporação do conhecimento produzido. Em conseqüência, os sujeitos estudados, muitas vezes não encontram eco às suas propostas, sejam em termos de crítica e contra-argumentação, seja em termos de sugestões em relação aos seus resultados. Atestam, inclusive, indiferença por parte de seus pares, até para ouvir, o que se traduz na maior dificuldade para sua absorção pela prática.

### 3. Conclusão

Estamos conscientes de que não esgotamos todo o assunto, tendo em vista a sua abrangência, mas procuramos dentro do possível aprofundar nosso enfoque.

Assim, consideramos não só a produção da pesquisa indispensável ao crescimento e desenvolvimento da enfermagem como um todo, mas também que esse conhecimento seja divulgado e atinja as diferentes clientela da enfermagem, quer no ensino quer no serviço e que este proporcione transformações na prática da enfermagem.

Acreditamos também que a prática da pesquisa não pode estar desarticulada tanto do ensino como do serviço, pois a soma destes esforços e experiências em muito contribuem para o desenvolvimento da enfermagem e, conseqüentemente, para a melhoria da assistência à comunidade.

Hoje, sob o ponto de vista da produção do conhecimento em enfermagem, a literatura tem mostrado que esta concentra-se nos Cursos de Pós-Graduação em Enfermagem, mais particularmente nos docentes de enfermagem. Desejamos salientar ainda que esta produção está mais concentrada na Região Sudeste, e que sua divulgação encontra-se a cargo das associações profissionais.

Esclarecemos, ainda, que a produção do conhecimento por parte do enfermeiro assistencial também segue a mesma procedência da produção docente e que acreditamos que esta, de certa forma, deve influenciar a produção assistencial, como também a sua prática.

Para que esta prática possa realmente sofrer as transformações necessárias, maior investimento deve ser direcionado ao enfermeiro assistencial: maiores oportunidades devem ser-lhes dadas nos cursos de pós-graduação; que a Direção das instituições e dos Serviços de Enfermagem proporcionem maiores oportuni-

dades aos enfermeiros de serviço interessados em pesquisa; que as escolas de enfermagem continuem despertando o aluno de graduação para a pesquisa, atuando com um agente transformador na sua prática; que os próprios colegas dêem estímulos àqueles que demonstrarem interesse nas inovações na enfermagem; que as escolas de enfermagem procurem atuar junto aos serviços de enfermagem; que as agências financiadoras também destinem recursos aos enfermeiros assistenciais que demonstrarem habilidade em pesquisa; que a indústria de equipamentos e insumos hospitalares dêem incentivos financeiros aos serviços de enfermagem com experiência em pesquisa; e que a própria enfermagem procure atuar junto a equipes multiprofissionais, em programas interinstitucionais para que possa ter uma visão mais ampla e integrada e, se isso acontecer, não temos dúvida de que avançaremos no conhecimento e caminharemos no sentido de um melhor ASSISTIR, com benefício tanto para a comunidade, como para o próprio enfermeiro.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. H. de. O conhecimento das/os enfermeiras/os sobre os resultados de pesquisa em enfermagem. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 4, São Paulo, 1985. *Anais*. São Paulo ABEn/CEPEn, 1985. p. 243-59.
- ANGERAMI, E. L. S. Prioridades de investigação em enfermagem. *Rev. Paul. Enf.*, v. 5, nº 2, p. 47-53, 1985.
- ANGERAMI, E. L. S.; ALMEIDA, M. C. P. de. Divulgação do conhecimento científico produzido na enfermagem. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ENFERMAGEM, 2, Brasília, 1982. *Relatório*. Brasília, CNPq/ABEn, 1982. p. 108-27.
- BARNETT, D. E. Do nurses read? Nurse manager and nursing research report. *Nurs. Times.*, v. 77, nº 50, p. 2131-4, 1981.
- BRASIL. Secretaria do Planejamento. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Avaliação e Perspectiva*. Brasília, 1982. p. 135-91.
- FERNANDES, D. A. B. Pós-Graduação em enfermagem. *Enf. Atual*. v. 1, nº 1, p. 21-4, 1978.
- GOODE, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. 5ª ed. São Paulo, Nacional, 1975.
- HUNT, J. Indicators for nursing practice: the use of research findings. *J. Adv. Nurs.*, v. 6, nº 3, p. 189-94, 1981.
- \_\_\_\_\_. Bringing the gap. *Nurs. Mirror.*, v. 158, nº 12, p. 32, 1984. (a)
- \_\_\_\_\_. Why don't we use these findings? *Nurs. Mirror.*, v. 158, nº 8, p. 29, 1984. (b)
- KAMIYAMA, Y. Discurso de sessão de instalação. In: SIMPÓSIO 15 ANOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA EEUSP – REFLEXOS E PERSPECTIVAS, São Paulo, 1988. *Anais*. São Paulo, Escola de Enfermagem USP, 1990. p. 21-24.
- LOPES, C. M. *Produção de conhecimento por enfermeiros assistenciais: sua utilização na prática*. Ribeirão Preto, 1990. 186 p. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. Subsídios para uma reflexão acerca da aplicação de resultados de pesquisas pelo enfermeiro assistencial. Apresentado ao 40º Congresso Brasileiro de Enfermagem, Belém, 1988.
- MENDES, I. A. C. *Pesquisa em enfermagem: impacto na prática*. Ribeirão Preto, 1989. 186p. Tese (Livre-Docência) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- NOGUEIRA, M. J. dos C. A pesquisa nos serviços de enfermagem: editorial. *Rev. Paul. Enf.*, v. 5, nº 2, p. 46, 1985.
- RIBEIRO, C. de M. Perspectivas da pesquisa em enfermagem. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ENFERMAGEM, 2, Brasília, 1982. *Relatório*. Brasília, CNPq/ABEn, 1982. p.73-81.
- VIEIRA, T. T. Produção científica em enfermagem: 1960-1979. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ENFERMAGEM, 2, Brasília, 1982. *Relatório*. Brasília, CNPq/ABEn, 1982. p. 39-49.
- \_\_\_\_\_. A pós-graduação de enfermagem no Brasil. In: SIMPÓSIO 15 ANOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA EEUSP – REFLEXOS E PERSPECTIVAS. São Paulo, 1988. *Anais*. São Paulo. Escola de Enfermagem USP, 1990. p. 41-51.